

Um relato de experiência: o uso da leitura visual no processo de ensino-aprendizagem de História

An experience report: the use of visual reading in the History teaching-learning process

Lucas Matheus Araújo Bicalho¹ , Luís Fernando de Souza Alves² , Stefany Reis Marquioli³ , Guilherme Carvalho Vieira⁴ , Virginia Gusmão Meira⁵ 

1. Mestre em História Social

Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: bicalholucas7@gmail.com

2. Mestre em Arqueologia das Paisagens Culturais

Universidad de Jaén

E-mail: luisf3@gmail.com

3. Mestra em História Social

Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: stefanymarquioli@gmail.com

4. Doutorando em Ciências do Movimento Humano

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com

5. Licencianda em Letras Inglês

Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: virginiagmeira4@gmail.com

Relato de Experiência

Resumo:

Este relato apresenta a experiência de um discente de licenciatura em História que, durante uma disciplina de estágio supervisionado em uma escola estadual localizada no norte de Minas Gerais, trabalhou com a leitura de imagens em turmas do 8º e 9º anos, no segundo semestre de 2022. A prática envolveu a análise de pinturas e fotografias de personagens históricos, pois explora a contribuição de representações visuais para a compreensão histórica e o desenvolvimento crítico-reflexivo dos/as alunos/as. Assim, para cumprir o objetivo proposto, a metodologia de caráter qualitativo baseou-se nas abordagens teóricas de Edmund Feldman e Ana Mae Barbosa, referências nos estudos e pesquisas do campo de análise visual no processo de aprendizagem. A leitura visual foi empregada para enriquecer os alunos em seu entendimento histórico, proporcionando uma forma de aprendizado acessível. Conclui-se que a leitura de imagens é essencial para o desenvolvimento cognitivo dos/as estudantes, promovendo maior interação com o conteúdo histórico e uma melhor compreensão das representações visuais e de suas possíveis intenções.

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; Leitura visual.

Abstract: This report presents the experience of a history undergraduate student who, during a supervised internship located in northern Minas Gerais, worked with image reading in 8th and 9th-grade classes in the second semester of 2022. The practice involved the analysis of paintings and photographs of historical individuals, exploring how visual

representations contribute to students' historical understanding and critical-reflective development. Thus, to achieve the proposed objective, the qualitative methodology was based on the theoretical approaches of Edmund Feldman and Ana Mae Barbosa, who are references in studies and research in visual analysis in the learning process. Visual reading was used to enrich the students' historical understanding, providing an accessible way of learning. We concluded that image reading is essential for students' cognitive development because it promotes greater interaction with the historical content and a better understanding of visual representations and their possible intentions.

Keywords: Education; History teaching; Visual reading.

Introdução

Ler vai além de reconhecer e identificar letras e palavras. Envolve a capacidade de interpretar e compreender diversas informações que nos cercam, como imagens, pinturas, fotografias e símbolos. Nessa perspectiva, Paulo Freire (2002) afirma que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra, evidenciando que a construção do conhecimento se inicia antes mesmo da alfabetização formal.

As imagens ocupam um papel de destaque na história de sociedades, desempenhando diversas funções na comunicação humana. Isso é pertinente no cenário educacional atual, já que há facilidade de acesso à informação e rápida propagação por meio dos meios digitais (Bicalho, 2023).

Em *Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas*, Ana Maria Mauad (2016) discute a função das imagens como fontes históricas, analisando seu uso na pesquisa e a evolução de sua compreensão no campo historiográfico ao longo do tempo. A autora demonstra que, por muito tempo, predominou a concepção da imagem como documento. Nessa visão, as imagens eram compreendidas apenas como registros visuais destinados a ilustrar ou comprovar eventos históricos e/ou determinados discursos. Tal modelo tem caráter positivista, no qual as imagens são entendidas como reflexo direto da realidade.

Na sequência, Mauad (2016) analisa a emergência de uma perspectiva que compreende a imagem como narrativa, atribuindo-lhe uma dimensão interpretativa e discursiva. Nesse caso, a imagem é compreendida como um texto carregado de significados, ideologias e intenções, ultrapassando a função de mero espelhamento da realidade. Além disso, a autora destaca que as imagens desempenham um papel ativo na construção de sentidos e identidades, ressaltando a importância de uma abordagem multidisciplinar. Por fim, ela ressalta a importância do diálogo interdisciplinar com campos como a antropologia, a sociologia, a filosofia e, sobretudo, os estudos da cultura visual para ampliar a compreensão das imagens enquanto fontes históricas e de seu papel na construção de memórias e narrativas históricas.

Nessa perspectiva, Lucas Bicalho (2023, 2025) explora o papel das imagens na comunicação e na cognição humana a partir de uma abordagem semiótica. Para o pesquisador, as imagens e as diversas representações visuais estão intrinsecamente ligadas à linguagem e aos processos midiáticos, não apenas ilustrando ideias, mas também moldando e influenciando o pensamento e a compreensão. Essas representações visuais são, portanto, elementos da produção de sentidos e da maneira como o ser humano interpreta o mundo ao seu redor.

Desse modo, é possível entender que as imagens podem ser grandes aliadas no processo de aprendizagem, sobretudo quando alunos/as têm dificuldades em interpretar códigos escritos ou quando começam a perceber o mundo. Por meio de símbolos, gestos, figuras, mídias, televisão e desenhos, é possível visualizar e conhecer mundos e objetos.

Durante a disciplina de *Estágio Supervisionado II*, no curso de licenciatura em História, observou-se que alunos dos 8º e 9º anos frequentemente apresentam dificuldades na leitura, interpretação e

compreensão de textos históricos, o que pode afetar o processo de ensino. Essas dificuldades podem ser percebidas pela incapacidade de muitos estudantes de associar informações textuais a diferentes contextos históricos, bem como de interpretar fontes mais complexas. Diante disso, propõe-se investigar como a leitura de imagens pode ser uma ferramenta de ensino. Partindo do princípio de que a leitura visual está inserida no processo de ensino.

Selva Guimarães Fonseca (2023), em *Didática e Prática de Ensino de História*, concentra suas discussões na relação entre teoria e prática pedagógica, ao refletir sobre os desafios do ensino de História a partir de um modelo crítico e interdisciplinar. A autora destaca como a disciplina pode contribuir para a formação dos/as estudantes. Fonseca apresenta metodologias ativas e participativas, sustentando que o ensino de História deve ser dinâmico, contextualizado e capaz de promover reflexão crítica sobre os eventos do passado e suas implicações no presente. Dessa forma, a autora reforça que a prática docente precisa ir além da simples transmissão de conteúdos factuais, incentivando os/as alunos/as a desenvolverem sua própria compreensão histórica por meio do uso de diversas fontes, debates, discussões e análises.

Ademais, em consonância com Fonseca (2023), é necessário que o/a professor/a realize adaptações ao contexto social, cultural e histórico dos/as estudantes, empregando ferramentas diversificadas, como filmes, imagens e documentos visuais, com o intuito de enriquecer o processo de ensino em sala de aula. Nesse sentido, a autora destaca a importância da avaliação no ensino de História, reforçando que os processos avaliativos devem promover o desenvolvimento crítico dos/as alunos/as.

Assim, acredita-se que a leitura de imagens, por envolver uma abordagem visual e menos dependente de habilidades textuais, possa proporcionar um ponto de partida mais acessível para estudantes, facilitando a compreensão de conceitos históricos e a construção de narrativas históricas. Desse modo, o estudo visa responder a como a leitura de imagens pode ser integrada à prática pedagógica na disciplina de História para melhorar a leitura, a interpretação e a compreensão de conteúdos históricos por parte de discentes dos 8º e 9º anos, e qual o impacto dessa metodologia no desenvolvimento do aprendizado.

Nesse sentido, julga-se importante que crianças e jovens em processo de alfabetização sejam expostos a diversas imagens por meio de livros ilustrados, pinturas, gravuras, charges e desenhos. Isso possibilita que alunos/as reconheçam, compreendam e critiquem diferentes representações visuais. Para isso, os/as docentes precisam se preparar para trabalhar com a leitura de imagens na sala de aula, a fim de despertar a reflexão e o senso crítico de alunos/as. Os/as adolescentes, quando entram na escola, possuem um modo de ler e enxergar o mundo, moldado pelo conhecimento em contexto familiar, que trabalha com diferentes tipos de códigos e imagens, que, a todo tempo, precisam ser decifrados.

Ao assistir à televisão, por exemplo, a pessoa faz escolhas sobre o que vê. Quando está na rua, depara-se com inúmeros objetos visuais, como carros, semáforos, *outdoors*, placas e propagandas em telões, ou seja, é bombardeada com diversas informações visuais. Assim, indivíduos acabam por absorver e interpretar essas informações. Com isso, os/as jovens, ao chegarem à escola, são entusiastas; são seres com certa experiência em ler o que os cerca.

Desde cedo, observam e atribuem significados a objetos e a situações enfrentadas. Por meio de imagens, crianças e adolescentes conseguem compreender elementos do mundo em que vivem e diferentes modos comunicativos. Ademais, a leitura visual não é restrita às faixas etárias mais jovens, estando presente na fase adulta e em contato direto com signos e símbolos cotidianos:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade são formas de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com essas imagens (Barbosa, 1998, p. 17, ênfase da autora).

Diariamente em contato com imagens e representações visuais, os/as adolescentes absorvem conhecimentos. Diante disso, eles/as podem ser desafiados/as a interpretar imagens nos estudos, especialmente as relativas à disciplina de História. É necessário ter em vista que, sendo cada aluno/a único/a, interpretações de imagens também serão singulares, geradas a partir de diferentes vivências, experiências culturais e sociais. Afinal, o significado pode estar intrinsecamente ligado ao sentido atribuído à situação, isto é, às relações estabelecidas entre experiências individuais e o que se vê (Barbosa, 2008).

Nesse contexto, para que docentes compreendam como alunos/as se conectam às imagens apresentadas e como eles/elas interpretam suas particularidades visuais, é importante considerar o conhecimento prévio dos discentes. Ademais, devem atentar para o fato de que as imagens estão em

constante mudança e interpretação na sociedade, ou seja, seus significados são transformados conforme a cultura (Santaella, 2012).

A utilização de diferentes fontes históricas no ensino possibilita outras formas de construção do conhecimento em sala de aula, permitindo que os/as discentes tenham contato com registros e representações do passado. Stefany Marquioli *et al.* (2025) destacam que o uso de diferentes fontes favorece práticas de investigação, interpretação e reflexão histórica, contribuindo para uma participação mais ativa dos/as alunos/as na construção do conhecimento.

A Nova História Cultural expandiu as possibilidades de registros históricos, ao permitir que o/a pesquisador/a utilizasse uma ampla variedade de fontes, entre as quais se destaca a iconografia. Nesse sentido, Eduardo França Paiva (2006, p. 17) observa que “[...] a iconografia é agora entendida como registro histórico constituído por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, [...] gravadas em material fotográfico e cinematográfico”.

Dessa forma, a imagem é descrita e interpretada como um documento que reflete aspectos culturais específicos de determinado contexto, revelando os valores de uma época. A produção iconográfica, quando utilizada como objeto de pesquisa, expande significativamente o campo de informações, proporcionando uma compreensão mais aprofundada dos diversos contextos socioculturais de produção e de disseminação de imagens. Paiva (2006, p. 14) afirma que “[...] as imagens são representações que se produzem nas e sob as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço”.

Pillar (2006) sustenta que aquilo que é observável carrega a marca cognitiva e imaginativa de quem observa, sendo algo dependente das

coordenações da pessoa e das estruturas mentais que ela possui em dado momento, que podem alterar a percepção dos dados. Dois seres humanos podem ter diante de si a mesma realidade e, ainda assim, chegar a conclusões discrepantes. Isso ocorre porque a compreensão de um objeto por um indivíduo tende a depender dos instrumentos de registro e de estruturas mentais e orgânicas específicas para o ato epistemológico disponíveis em determinada situação.

Assim, este relato de experiência apresenta e discute como um discente do curso de licenciatura em História trabalhou com a leitura de imagens na disciplina de *Estágio Supervisionado II*, em turmas de 8º e 9º anos, no segundo semestre de 2022. O projeto envolveu a análise de pinturas e fotografias de personagens históricos, explorando como essas representações visuais podem contribuir para a compreensão histórica e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Alinhado ao eixo de leitura da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC)¹ (Brasil, 2017), o ensino de práticas de linguagem inclui a interação do leitor, ouvinte e espectador com textos escritos, orais e imagéticos. Exemplos incluem obras literárias e artísticas, além de pesquisas escolares, fundamentais para a compreensão estética e visual.

Lucia Santaella (2012) compreende a leitura visual como o processo de interpretar e atribuir significados às imagens, não apenas como representações únicas, mas também como parte de uma linguagem complexa e vasta nas simbologias. De modo semelhante, Peter Burke (2017) ressalta a importância da leitura de imagens como fontes históricas para a

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos da educação básica no Brasil devem desenvolver. Ela estabelece as competências e habilidades necessárias para uma formação integral, garantindo uma educação equitativa e de qualidade em todo o território nacional, independentemente da região ou instituição de ensino.

compreensão do passado. O autor argumenta que as imagens não devem ser vistas como reflexos ou registros da realidade, mas como construções culturais impregnadas de simbolismos e intenções que precisam ser decodificadas. Desse modo, a leitura visual no ensino possibilita discussões e debates sobre temas sociais em diferentes contextos históricos, colaborando para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo de alunos/as.

Assim, ao introduzir a leitura visual na aula de História, foi possível notar como as imagens e representações visuais do passado são essenciais para a compreensão de eventos históricos, do contexto político, cultural e social de épocas específicas. Além disso, a análise de imagens históricas estimula os estudantes a desenvolver habilidades críticas e reflexivas, permitindo-lhes interpretar e questionar representações visuais e discernir possíveis intenções por trás delas.

Portanto, a leitura de imagens praticada em sala de aula desempenha um papel de desenvolvimento crítico nos/as estudantes, especialmente no ensino de História. Ao interpretar imagens, os/as alunos/as têm acesso a conhecimentos que complementam a leitura de textos, ampliando sua capacidade de análise e de compreensão de eventos históricos. Conforme ressaltado por autoras como Ana Maria Mauad (2016) e Selva Guimarães Fonseca (2023), as imagens não apenas retratam fatos, mas também constroem discursos e atribuem significados a eles.

Ao estabelecer a leitura visual no ensino, os/as professores/as oferecem aos/as discentes um recurso valioso para decodificar o mundo visual, promovendo uma educação mais inclusiva, dinâmica e interdisciplinar. Dessa forma, os/as estudantes podem desenvolver uma compreensão mais aprofundada dos contextos culturais, sociais,

econômicos e políticos, além de serem incentivados a refletir criticamente sobre as representações visuais que permeiam tanto o passado quanto o presente.

Método

A partir do final da década de 1970, as discussões sobre a leitura visual ganharam maior espaço no campo educacional, impulsionadas pela expansão dos meios audiovisuais e pelo desenvolvimento de estudos sobre percepção, psicologia e comunicação (Sardelich, 2006). À medida que essas abordagens foram sendo incorporadas ao contexto educacional, tornou-se necessário compreender a leitura de imagens como um processo de interpretação dos códigos, signos e significados presentes nas representações visuais.

No campo da História, Peter Burke (2017), em *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, discute o uso das imagens como fontes históricas e a importância de analisá-las de maneira crítica. Burke defende que as imagens, assim como os textos, oferecem valiosos testemunhos do passado, revelando construções culturais com significados e sentidos ideológicos diversos. A partir disso, ele refuta a visão tradicional que as considera recursos ilustrativos da realidade, argumentando que elas devem ser interpretadas à luz de seus contextos culturais, históricos e sociais. Nesse sentido, Burke sugere que os/as historiadores/as abordem as imagens com o mesmo rigor crítico aplicado aos textos, considerando aspectos como o contexto de produção, a intenção de seus produtores, sua circulação e sua relação com outras fontes históricas. Para isso, podem recorrer à iconografia e a outras abordagens de análise de imagens.

Feldman (1993) estabelece uma metodologia de leitura visual para o ensino. Discentes não devem aprender somente por meio da técnica, mas também de modo crítico e focado no desenvolvimento, com uma metodologia que fomente o trabalho e a formação de uma pessoa mais crítica em termos artísticos (Lélis, 2004). Com isso, segue, no quadro 1, uma síntese do modelo de análise proposto por Feldman:

Quadro 1 – Método de leitura de imagem de Edmund Feldman

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Descrever	Identificar o que se vê e está evidente na obra visual
Analisar	Atentar, na obra, para elementos de composição da imagem, estabelecendo relações entre elementos
Interpretar	Dar sentido ao que foi observado na produção, buscando identificar sentidos, ideias, sentimentos e expressões autorais
Julgar	Emitir juízo de valor sobre a obra e sua estética

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse modelo, a arte deve ser analisada por meio de um método comparativo de leitura, no qual os/as estudantes devem examinar duas ou mais imagens. O objetivo é descrever as diferenças e as semelhanças entre as obras, seguindo as quatro etapas de análise. Ademais, utiliza-se uma *proposta triangular* como metodologia de leitura de imagens no ensino, abordando diferentes modos de pensar a arte por meio de conhecimentos artísticos e históricos. A principal referência dessa abordagem é Ana Mae Barbosa, pesquisadora conhecida por seus trabalhos sobre arte na educação e estudos de leitura imagética no Brasil. A seguir, no quadro 2, há uma síntese de sua proposta:

Quadro 2 – Proposta triangular para o ensino da arte, de Ana Mae Barbosa

ESTÁGIOS	DESCRIÇÃO
----------	-----------

Contextualização	Contextualização da obra envolve conhecer e analisar sua história, contexto de produção, artista e época de criação. Relaciona-se, também, com o contexto atual, permitindo ampliar o conhecimento do objeto produzido
Leitura visual da arte e apreciação	Apreciação, percepção e sensibilização na leitura da imagem por meio da gramática visual. Conhecer elementos visuais da obra, além de descobrir e discutir questões por ela reveladas. Compreender a produção, compará-la com outras e com artistas de outras épocas, interpretando-a
Fazer artístico	Representação e expressão. Uma obra observada pode inspirar alguém a criar artisticamente, experimentando diferentes linguagens, e produzir algo diferente. É necessário preservar a criatividade e livre expressão na criação de uma nova produção

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir do quadro 2, é possível observar que a *proposta triangular*, segundo Ana Mae Barbosa, assemelha-se às técnicas de Edmund Feldman, por contextualizar a imagem, os artistas, as pinturas, a época de produção e outros elementos importantes para o processo de ensino. Barbosa (1998, 2002, 2008, 2011) apresenta estratégias metodológicas para orientar a leitura de imagens em sala de aula. Também se utilizam as abordagens propostas por Peter Burke, com foco nos principais aspectos da análise de imagens. Assim, é possível observar no quadro 3:

Quadro 3 – Método de análise de imagem de Peter Burke

ESTÁGIOS	DESCRIÇÃO
Contexto histórico e cultural	Investigar o período histórico, as condições sociais, políticas e culturais que influenciaram a produção da imagem.
Intenção do autor	Compreender quem produziu a imagem, para quem ela foi feita e qual a intenção por trás da criação.

Função da imagem	Identificar a função da imagem na sociedade: propaganda, arte, documento etc.
Elementos visuais	Analisar composição, cores, luz, sombras, perspectiva e símbolos; utilizar semiótica e iconografia.
Recepção e circulação	Examinar como a imagem foi interpretada ao longo do tempo e sua circulação entre diferentes públicos.
Comparação com outras fontes	Comparar a imagem com textos escritos e outras fontes históricas para verificar narrativas e sua confiabilidade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro 3 apresenta uma abordagem dos principais pontos de análise de imagens à luz da perspectiva de Peter Burke, oferecendo uma estrutura organizada que facilita a avaliação crítica das fontes visuais. Essa análise considera o contexto cultural, histórico e social em que as imagens foram produzidas, enriquecendo a compreensão dos significados que podem transmitir.

Docentes podem contextualizar a obra a ser apresentada aos alunos/as, o ano de sua criação, bem como o momento histórico, cultural e social em que foi produzida. É importante descrever elementos imagéticos, associando e comparando uma produção a outras imagens, pinturas ou desenhos. Além disso, professores podem proporcionar liberdade para que discentes compreendam a imagem adotada e criem uma produção artística baseada em um recurso visual.

Resultados e discussões

A arte desempenha um papel na história das sociedades humanas, em formas de expressão distintas, como pinturas, esculturas e arquiteturas. Imagens e representações visuais estão interligadas a diversas disciplinas, como a História, por constituírem fontes que possibilitam compreender os contextos em que foram criadas. Elas registram, representam e constroem narrativas sobre eventos históricos, além de expressar aspectos políticos, sociais e culturais das sociedades que as produziram.

À vista disso, Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari (2009) argumentam que a arte é uma área epistemológica obrigatória para a educação básica, sendo de competência dos órgãos públicos sua melhor inserção no currículo escolar. Segundo as autoras, a arte no ambiente escolar possibilita, de forma crítica, o avanço e a formação do educando. Diante disso, entende-se que os recursos visuais são elementos essenciais para interpretar e representar, facilitando a conexão de alunos/as com as imagens ao seu redor, sejam elas presentes em objetos, pinturas ou gestos humanos.

Para tanto, é fundamental refletir sobre a epistemologia subjacente a este estudo, considerando a interseção entre a Arte e a História. Assim, utiliza-se a arte como fonte no ensino de História, reconhecendo seu papel na construção de narrativas e na interpretação de eventos históricos. Essa abordagem possibilita uma análise diversificada, uma vez que amplia a compreensão dos fenômenos históricos, que se manifestam por meio da estética e das representações visuais.

Nesse sentido, a leitura visual foi aplicada a alunos/as de 8º e 9º anos de uma escola estadual localizada no norte de Minas Gerais (Alves, 2024), como parte das exigências da disciplina de *Estágio Supervisionado II*, do curso de História, no segundo semestre de 2022. Localizada no município de Francisco Sá, no Norte de Minas Gerais, essa instituição pública atende

principalmente alunos/as de baixa renda, muitos dos quais residem em bairros periféricos, afastados do centro da cidade e de outras escolas.

Assim, essa abordagem buscou enriquecer o entendimento histórico dos/as alunos/as e proporcionar uma forma de aprendizado por meio de recursos visuais, como pinturas, fotografias e outros materiais iconográficos. Durante as aulas de História, o discente observou que alguns/as alunos/as enfrentavam dificuldades na aprendizagem do conteúdo da disciplina, na leitura e na interpretação de textos históricos. Diante desse cenário, surgiu a ideia de, no estágio obrigatório, trabalhar com as turmas, utilizando a leitura visual de imagens, como pinturas e fotografias que representassem o período histórico abordado.

Considerando o conteúdo que abrangia o Período Regencial ao Brasil República, o discente e a professora regente selecionaram imagens e fotografias desse período. Eles escolheram representações da família real, destacando vestimentas da realeza, o poder real, a sociedade imperial e pinturas de mulheres da corte. Na condução das análises, buscou-se alinhamento às abordagens de Edmund Feldman e de Ana Beatriz. Além disso, foram selecionados, para análise em sala de aula, o quadro *Independência ou Morte* de Pedro Américo, produzido em 1888, bem como o de Tiradentes.

Figura 1 – Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes



Fonte: Silva (1922).

A respeito da figura 1, a pintura de *Tiradentes* de Oscar Pereira da Silva, observou-se como a imagem do mártir da *Inconfidência Mineira* é apresentada e interpretada. Alunos/as destacaram a pintura de Tiradentes, afirmando que o indivíduo foi retratado como um mártir sacrificial, aproximando-se da representação de Jesus Cristo, com a aparência serena e

com os cabelos à altura dos ombros, de modo a reforçar uma imagem simbólica de pureza e sacrifício.

De acordo com Lilia Schwarcz, Carlos Lima e Lúcia Stumpf (2022), o quadro em questão tem como um de seus intentos a construção simbólica de Tiradentes como herói nacional, apontando para ideais como liberdade e resistência, trazendo uma imagem que contribuiu para a construção da memória republicana brasileira. Desse modo, notou-se maior interesse das turmas em interpretar a pintura, pois já possuíam conhecimentos prévios sobre a figura retratada.

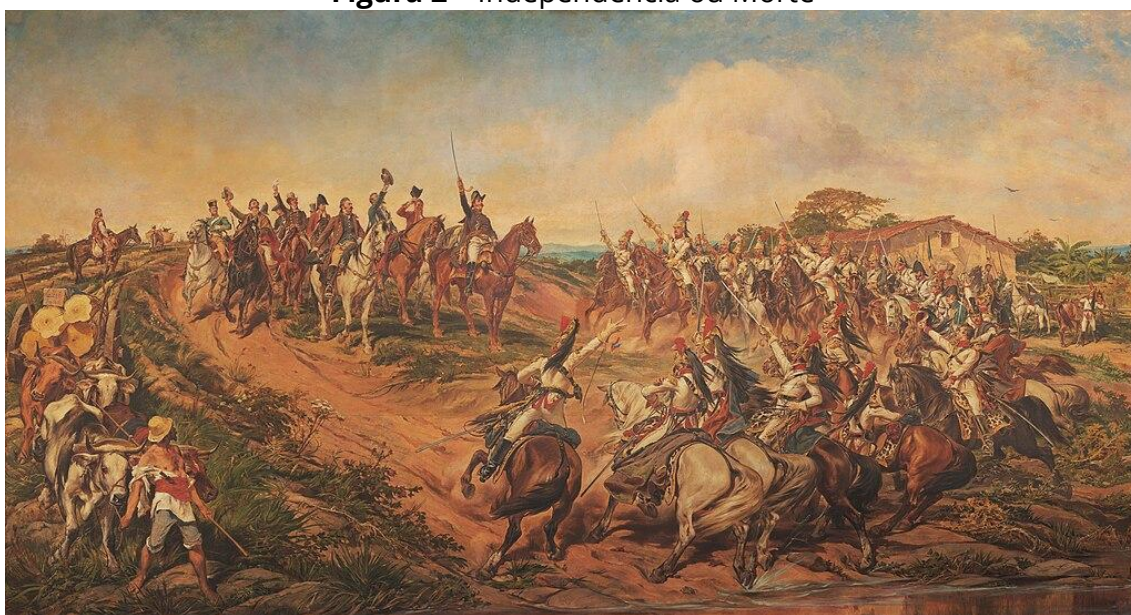
Além disso, o retrato de Tiradentes é constantemente apresentado em livros didáticos de História, de diferentes formas e com diversas interpretações, que apontam para maneiras particulares de heroísmo e de luta por liberdade e justiça, questões depreendidas da expressão visual do sujeito, de sua vestimenta e da composição da pintura como um todo. A imagem evoca a figura do Cristo por motivos simbólicos e históricos. Busca-se sustentar que ambos foram perseguidos e executados em locais públicos, por autoridades de seus respectivos contextos históricos, com suas mortes sendo transformadas em símbolos e imagens de resistência diante de opressões.

A imagem de Tiradentes ilustra a luta em torno do mito de origem da República brasileira, destacando a dificuldade de construir um herói para o novo regime instaurado após o período monárquico. Heróis, geralmente associados a figuras masculinas, são símbolos poderosos que transmitem ideias, aspirações e elementos de identidade coletiva (Carvalho, 2017). Eles atuam como instrumentos para impactar as mentes e os corações de cidadãos/ãs, e servem ao propósito de legitimar regimes políticos. Assim, busca-se empregar um herói que, de alguma forma, reflita a face da nação.

Ao realizar uma análise imagética, é possível desenvolver a capacidade de interpretar sentidos em produções visuais, considerando os sentimentos, valores e referências fundamentados nas bases socioculturais de uma sociedade. De maneira análoga, Analice Dutra Pillar *et al.* (1993) sustentam que, quando a leitura visual é realizada, ocorre o desenvolvimento da compreensão e da interpretação, além da descrição, da decomposição e da recomposição da imagem.

Elementos imagéticos são carregados de ideias e interesses políticos, portam intenções de influenciar as percepções e de construir significados sociais, já que possuem atratividade visual e constroem sentidos relacionados à nacionalidade brasileira, no caso em questão.

Figura 2 – Independência ou Morte



Fonte: Américo (1888).

Na figura 2, o quadro *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, apresenta uma narrativa visual da Independência do Brasil, envolvendo escolhas artísticas e simbólicas do pintor. Ao mostrar a imagem às turmas, perguntou-se sobre os significados que o quadro transmitia. Parte do

alunado respondeu que a imagem apresenta um sentimento de heroísmo, evidenciado pela pose de Dom Pedro I montado a cavalo e rodeado por figuras associadas ao contexto militar do Império. Além disso, a imagem transmite uma sensação de autoridade e poder.

Outros disseram que a pintura tem a função de propaganda política, de legitimação do poder do imperador e de seu filho, Dom Pedro II, visto que a pintura foi encomendada por este último, em um momento considerado conturbado na nação. Houve também alunos/as que criticaram a pintura, por conta de seu distanciamento da realidade histórica, especialmente no que concerne à geografia do local. Com o intento de aprimorar a leitura visual dos/as discentes, o estagiário os/as deixou livres para perguntar e relatar o que estavam compreendendo acerca da imagem, com base em seus conhecimentos prévios, conforme destacado pelo *Ministério da Educação*:

[...] É aconselhável que as crianças realizem uma observação livre das imagens e que possam tecer os comentários que quiserem, de tal forma que todo o grupo participe. O professor pode atuar como um provocador da apreciação e leitura da imagem. Nesses casos, o professor deve acolher e socializar as falas das crianças (Brasil, 1998, p. 103).

Nessa perspectiva, mesmo considerando as críticas direcionadas à *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2017), destaca-se:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documentos (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação entre tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes (BNCC, 2017, p. 396).

Assim, o uso diversificado de fontes históricas no ensino configura-se como uma estratégia pedagógica eficaz, pois possibilita que os/as alunos/as realizem análises, comparações, diferenciações e abstração histórica, como no caso das imagens. Essas fontes permitem analisar marcas culturais, sociais e políticas presentes no contexto histórico de sua produção. Em consonância com a BNCC (2017), a utilização de diferentes tipos de documentos auxilia os/as estudantes a “[...] colocar em questão o significado das coisas do mundo” (BNCC, 2017, p. 396), contribuindo para a construção do conhecimento histórico escolar.

Com a leitura de imagens no processo de ensino de História, alunos/as perceberam a importância da interpretação e da decifração de imagens, considerando seus conhecimentos prévios e o conteúdo apresentado pelo docente. Assim, nota-se que a leitura visual deve ser guiada pela articulação entre os conhecimentos que os estudantes possuem sobre um assunto e a contextualização histórica das imagens analisadas. As interpretações dependerão das experiências, dos conhecimentos, das referências culturais e das problematizações propostas durante o processo de análise.

Por meio da leitura de imagens, os/as professores/as podem estimular o desenvolvimento cognitivo, a criatividade, a criticidade e a expressão dos/as alunos/as. Ademais, ideias, percepções e sentimentos podem circular, e as interpretações podem ser associadas ao conteúdo histórico trabalhado em sala de aula, entre outras possibilidades. Sob tal perspectiva, métodos de leitura e análise de imagens podem contribuir para transformações nas práticas pedagógicas dos/as professores/as, destacando a interpretação de imagens e seus múltiplos significados, além de constituírem um instrumento no processo de ensino de História por meio da análise imagética.

Ao final da apresentação das imagens transmitidas na televisão da sala de vídeo, após a análise visual por parte dos/as alunos/as, o estagiário solicitou que a turma criasse uma pintura, desenho, charge ou outra produção visual que expressasse sua interpretação de uma das imagens discutidas em sala de aula, considerando a conjuntura atual do país.

Contudo, de acordo com Selva Guimarães Fonseca (2005, p. 56), o trabalho com diversas fontes históricas em sala de aula tem se configurado como um dos grandes desafios enfrentados pelos/as professores/as no ensino de História. Diante desse cenário, é pertinente questionar: qual é o papel do/a professor/a nesse contexto? Nesse sentido, o PNLD sublinha:

[...] nas coleções para o Ensino Fundamental e Médio, a ideia de professor mediador do processo de produção e/ou aquisição do conhecimento histórico é dominante. Tal mediação é traduzida na prescrição de predisposições éticas, como a tolerância e a solidariedade; de comprometimento político, como o diálogo e a negociação; e do domínio de habilidades de leitura em diversos gêneros e suportes e de investigação histórica, que excedem a disciplina (PNLD, 2018, p.17-18).

À vista disso, o/a professor/a deve assumir o papel de mediador/a de uma variedade de documentos didáticos, utilizando-os como recursos para a análise e a problematização histórica a serem trabalhadas em sala de aula, visando à produção e ao desenvolvimento do conhecimento escolar. Para tanto, é fundamental adequar o uso das fontes ao nível de escolaridade do público discente. Desse modo, percebemos que, desde os primeiros anos escolares, a prática constante da leitura de imagens pode ser de grande valor para que alunos/as desenvolvam o gosto pela leitura visual e aprendam a interpretar as mais variadas formas de imagem. Isso é corroborado por William Glasser (2001), que, em seus estudos, indica que as pessoas tendem a aprender mais quando se colocam em posições ativas de aprendizado.

Apesar disso, podem existir exceções, uma vez que há diferentes perfis de aprendizado, ou seja, a premissa pode não ser aplicada da mesma forma a todos/as (Sadler-Smith; Evans, 2006).

A aprendizagem pode ser favorecida por meio de atividades práticas, nas quais os/as alunos/as participem ativamente da construção do conhecimento, sendo a criação de ilustrações um dos meios práticos que podem contribuir para esse processo (Allen; Scheve; Nieter, 2011; Glasser, 1969; Hendricks, 1991). Para fomentar o gosto pela leitura de imagens e pela interpretação de produtos imagéticos, é necessário realizar atividades em que a repetição e a prática reflexiva estejam presentes, de modo a estimular a capacidade de análise, interpretação e pensamento crítico de alunos/as no que tange às representações produzidas em diversos contextos históricos.

Desse modo, os/as alunos/as podem construir compreensões sobre informações, significados e símbolos presentes nas imagens, considerando os diferentes períodos históricos em que foram elaboradas. Logo, quanto mais relações, associações e diferentes estratégias de abordagem forem estabelecidas em torno de um mesmo conteúdo, maiores serão as possibilidades de compreensão e de construção do conhecimento pelos/as estudantes.

Considerações

Com este relato, foi possível observar que a prática da leitura visual pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e críticas de alunos/as de diferentes anos escolares. Por meio da análise de representações visuais, como quadros, pinturas, fotografias e símbolos, os estudantes têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos históricos, aprendendo a interpretar e questionar imagens ligadas a eventos

históricos. Esse método de ensino pode contribuir para a formação de cidadãos/ãs críticos/as, estimulando a reflexão sobre sociedades e culturas, bem como de diferentes formas de representação do passado.

Demonstramos como recursos visuais podem ser empregados como instrumentos pedagógicos capazes de ampliar o conhecimento dos/as discentes, com base na aplicação de procedimentos de leitura e análise de imagens presentes nas abordagens de Edmund Feldman e Ana Mae Barbosa, consideradas relevantes para a interpretação, contextualização e produção de sentidos a partir de imagens. Ambos os autores possuem uma perspectiva teórica que reconhece a importância das imagens no ensino como elementos fundamentais para uma compreensão mais profunda dos eventos históricos. Essa abordagem transcende as meras técnicas de leitura, enfatizando a relevância de uma análise crítica e reflexiva na interpretação das obras.

As experiências relatadas durante o estágio supervisionado evidenciam como a leitura visual pode ser praticada no ensino escolar, proporcionando processos de aprendizagem que vão além de textos escritos. As turmas de 8º e 9º anos da escola tiveram contato com diferentes representações visuais sobre o Brasil Imperial e o período republicano, o que favoreceu a contextualização histórica e contribuiu para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre imagens de determinado contexto histórico, social e cultural.

Por meio da prática de leitura de imagens, os/as alunos/as puderam compreender conteúdos de História a partir de uma abordagem que amplia as possibilidades de ensino para além do uso exclusivo de textos escritos e exposições tradicionais. Essa metodologia pode ser incentivada desde os primeiros anos escolares, integrando atividades de leitura visual em

diferentes disciplinas, e não apenas na História e nas Artes. Com isso, docentes podem favorecer o desenvolvimento crítico discente, contribuindo para a formação de cidadãos/ãs capazes de analisar as diferentes formas de comunicação visual presentes no cotidiano.

Referências

ALLEN, Kelli; SCHEVE, Jeanna; NIETER, Vicki. **Understanding learning styles: making a difference for diverse learners**. California: Shell, 2011.

ALVES, Luís Fernando de Souza. **“Posseiro bom é posseiro morto”**: coronel Georgino e o conflito agrário de Cachoeirinha no norte de Minas Gerais. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) – Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2024.

AMÉRICO, Pedro. **Independência ou morte**. 1888. Óleo sobre tela. 415 x 760 cm.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. **Educação**, v. 34, n. 3, p. 293-301, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **A cultura visual antes da cultura visual**. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-308, set./dez. 2011

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Fundação lochpe, 1991

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. **Análise imagética de um crime nas capas da revista Veja, Época e IstoÉ: o caso de Isabella Nardoni (2008-2010).** Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2023.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Olhar através da lente: a fotografia como ferramenta didática no ensino de História. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 9, n. 1, p. 12-28, 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Guia do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2018:** Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2017.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** o uso de imagens como evidência histórica. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FELDMAN, Edmund Burke. **Metodologia de trabalho.** São Paulo: USP, 1993.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte:** fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2002.

GLASSER, William. **Choice theory in the classroom**. New York: Harper, 2001.

HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Venda Nova: Betânia, 1991.

LELIS, Soraia Cristina Cardoso. **Poéticas visuais em construção**: o fazer artístico e a educação (do) sensível no contexto escolar. 2004. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

LIMA JUNIOR, Carlos; SCHWARCZ, Lilia Moritz; STUMPF, Lúcia Klück. **O sequestro da independência**: uma história da construção do mito do Sete de Setembro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARQUIOLI, Stefany Reis; SANTIAGO, Ioli Ferreira; ALVES, Luís Fernando de Souza; BICALHO, Lucas Matheus Araujo; VIEIRA, Guilherme Carvalho; REIS, Filomena Luciene Cordeiro. “Preto... condenado”: o uso de processos-crime no ensino de história. **Revista Thema**, v. 24, n. 2, p. 1-15, 2025.

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 14, p. 33-48, jan./jun. 2016.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

PILLAR, Analice Dutra; BARROS, Anna; AMARAL, Aracy; ALVARADO, Daisy Peccinini de; DOMINGUES, Diana; IOSCHPE, Evelyn Berg; ROSENFELD, Lenora; PEREIRA, Margareth; BULHÕES, Maria Amélia; ZIELINSKY, Mônica; AGUILAR, Nelson; PINHEIRO, Olímpio; ZAMBONI, Sílvio. **Pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SADLER-SMITH, Eugene; EVANS, Carol (ed.). **Learning Styles in Education and Training**. Bradford: Emerald Group, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006.

SILVA, Oscar Pereira da. **Retrato de Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes**. 1922. Óleo sobre tela. 154 x 71 cm.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 8, N. 1, 2025.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: LMAB, LFSA, SRM, GCV, VGM

Redação do manuscrito original: LMAB

Curadoria de dados: LMAB

Análise de dados: LMAB

Redação textual: LMAB, LFSA, SRM, GCV, VGM

Supervisão: LFSA, GCV

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica
